

LINGUAGEM, NOVA RETÓRICA E VIOLÊNCIA VERBAL NAS REDES SOCIAIS

LANGUAGE, NEW RHETORIC AND VERBAL AGGRESSIVENESS IN SOCIAL NETWORK

Luís Cláudio Dallier SALDANHA¹

Milca TSCHERNE²

RESUMO: A agressividade verbal nas redes sociais ou mídias digitais impõe desafios educacionais que devem levar em conta o exame da relação entre linguagem e violência, além da contribuição dos estudos da Nova Retórica e da Teoria da Argumentação para a construção de práticas de escrita e leitura que privilegiem o diálogo, a dimensão argumentativa da língua e o respeito à diversidade e à pluralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Nova Retórica; argumentação; mídias digitais; redes sociais.

ABSTRACT: Verbal aggression in digital and social media presents an educational challenge that must take into account the relationship between language and violence, alongside contributions from New Rethorical and Argumentation Theory studies to build up practices of writing and reading that will privilege dialogue, the argumentative dimension of language and respect for diversity and plurality.

KEYWORDS: New Rethorical; argumentation; digital and social media.

1. Introdução

A profusão de comentários nas redes sociais e nas páginas de *sites* de notícia em reação a artigos, matérias jornalísticas ou mesmo postagens (*posts*) pessoais tem revelado a tensão entre o caráter democrático da Internet e a violência verbal por parte de muitos usuários, além de evidenciar a precariedade dos processos de leitura e escrita.

Tal cenário enseja observações como a do escritor e pesquisador italiano Umberto Eco, ao afirmar que “as redes sociais deram o direito à palavra a legiões de imbecis” (MELITO, 2016), do Historiador Leandro Karnal, que identifica “um fluxo de ódio nas redes sociais” (LETIERI, 2016) ou do jornalista e *blogueiro* Leonardo Sakamoto, ao constatar que “falta amor no mundo, mas falta interpretação de texto também” (SAKAMOTO, 2016).

¹ Doutor em Educação (UFSCar), Diretor de Serviços Pedagógicos na Estácio Participações S/A e Professor da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Rio de Janeiro/RJ - 20261-063. E-mail: luis.dallier@estacio.br.

² Doutora em Estudos Literários (UNESP/ Araraquara) e pós-doutoranda na mesma instituição. Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Rio de Janeiro/RJ - 20261-063. E-mail: milcatscherne@gmail.com.

Aliada a práticas de leitura carentes de procedimentos interpretativos adequados, a inabilidade ou incapacidade para o uso de operadores argumentativos pertinentes na escrita aponta para uma limitação na competência discursiva. Além disso, a ausência de abertura ao diálogo real implica a produção de *posts* ou textos que, mesmo remetendo a outros discursos ou ideias, acabam se fechando em si mesmos, numa negação do outro. Esse movimento na direção de silenciar outros discursos, numa rejeição à argumentação, é potencializado nos meios digitais e protegido, quase sempre, pelo anonimato.

Nesse cenário, a palavra, ao invés de evidenciar a “marcha civilizatória do ser humano” que abdica “do uso da força para empregar a persuasão” (FIORIN, 2015, p. 11), revela seu poder de calar o outro e, nas teias das interações virtuais, muitas vezes está a serviço do ódio, do preconceito e da agressividade.

Diante desse quadro, é lugar-comum a recomendação para se ter aula de interpretação de texto a fim de que as ironias e as sutilezas não sejam ignoradas na leitura, numa análise da situação que se mostra centrada na competência textual dos usuários das redes sociais.

Há também o apelo para as aulas de raciocínio lógico a fim de serem evitadas interpretações e conclusões descabidas diante das ideias compartilhadas e seus argumentos ou arrazoados.

É preciso reconhecer, entretanto, que as limitações nas práticas de leitura e escrita associadas à agressividade e à violência verbais impõem desafios educacionais que vão além de aulas de interpretação de texto ou do domínio da lógica formal ou do raciocínio lógico.

A complexidade do desafio imposto pelas redes sociais a partir de uma de suas faces mais visíveis – a agressividade dos textos verbais – revela que parte do enfrentamento dessa questão passa pela formação de sujeitos que vivenciem processos educacionais nos quais são desenvolvidas tanto competências linguístico-discursivas quanto competências socioemocionais.

Neste trabalho, todavia, a ênfase recai sobre domínios de conhecimento relacionados com os estudos linguísticos e, ainda, com o ensino de língua, procurando se aproximar de questões relacionadas com o papel da escola diante da necessidade de cooperar na construção de práticas de leitura e escrita que privilegiem o diálogo, a dimensão argumentativa da língua e o respeito à diversidade e à pluralidade.

Sem a pretensão de responder cabalmente a tais desafios, propõe-se aqui uma aproximação dessas questões a partir da problematização das relações

linguagem/violência e linguagem/lógica para, depois, examinar as possibilidades e contribuições da Nova Retórica e da Teoria da Argumentação no que se refere ao desafio educacional da agressividade verbal nas redes sociais.

2. Linguagem e violência

A agressividade verbal nas redes sociais pode ser entendida como a face mais recente das tensões que marcam as interações humanas mediadas pela linguagem, confirmando o que diz Peter Sloterdijk: “Mais comunicação significa em um primeiro momento, acima de tudo, mais conflito” (*apud* ŽIŽEK, 2014).

Não deixa de ser aparentemente paradoxal constatar que a intensificação da comunicação pela linguagem verbal implica mais conflito ou tensão, pois há uma “ideia prevalecente da linguagem e da ordem simbólica como meio de reconciliação e mediação, de coexistência pacífica, por oposição a um meio violento de confronto imediato e cru”. Desse modo, a linguagem superaria o exercício da violência direta por meio do debate, da troca de palavras, pois o diálogo “pressupõe um mínimo de reconhecimento da outra parte”, mesmo que essa troca de palavras comporte eventualmente alguma agressividade (ŽIŽEK, 2014).

Entretanto, a renúncia à violência por meio da linguagem, como fundamento e estrutura da socialização, é uma evidência histórica do processo civilizatório que não elimina a possibilidade da perversão da humanidade pela violência. Assim, quando a violência é instrumentalizada pela própria linguagem, como exemplarmente se verifica nas mídias e redes sociais, tem-se uma distorção da própria “lógica imanente da comunicação simbólica” (ŽIŽEK, 2014).

A violência verbal nas mídias digitais aponta para a relação entre a ambivalência da língua e as contradições do ciberespaço, pois a palavra, ao mesmo tempo em que comunga do caráter fluido, indeterminado, caótico, labiríntico e prenhe de possibilidades infinitas do ciberespaço, também manifesta sua “vocalização para o dizer e o silenciar, construir e destruir, juntar e separar, identificar e diferenciar” (SALDANHA, 2013, p. 101).

Em relação a essa ambivalência da linguagem, não deixa de ser emblemático que, no contexto das interatividades textuais entre usuários de redes sociais ou *sites* noticiosos, as postagens ou comentários acabem

[...] contribuindo para correções e atualizações do texto original ou para complementar informações e, até mesmo, criticamente proporem uma apreciação e revisão do texto. No entanto, também é possível constatar que se multiplicam mais facilmente as mensagens que agridem e ridicularizam o outro, que tentam desmerecer e anular não somente a opinião contrária mas a própria pessoa que nela se manifesta. (SALDANHA, 2013, p. 101).

A íntima ligação da violência à linguagem no processo de produção de sentido revela, nos meios digitais, a relação inexorável da agressividade à própria linguagem, além de apontar para a pertinência de se reconhecer que também violentamos a linguagem, “e por conseguinte, agredimos a nós mesmos e àqueles que nos rodeiam” (BENÍCIO, 2007).

Para ŽIŽEK (2014), “a violência verbal não é uma distorção secundária, mas o último recurso de toda a violência especificamente humana”, uma vez que “é a linguagem, e não o interesse egoísta primitivo, o primeiro e maior fator de divisão entre nós”.

Se retrocedermos a um contexto um pouco anterior à interatividade textual promovida pelos ambientes virtuais, poderemos encontrar nos livros didáticos antologias de textos, tais como os propagados hoje pelas redes sociais, que reafirmam preconceitos, posturas ofensivas, sexistas e de intolerância, de manutenção de injustiças sociais e de conformismo. Em *Mentiras que parecem verdades*, Umberto Eco e Marisa Bonazzi recolheram 82 textos nos livros de leitura, de amplo uso pelo sistema educacional italiano, nos quais identificaram que,

[...] através deles, a criança é educada para uma realidade inexistente... Que quando os problemas (e a resposta a eles fornecida) dizem respeito à vida real, são colocados e resolvidos de forma a educar um pequeno escravo, preparado para aceitar o abuso, o sofrimento, a injustiça e para ficar satisfeito com isto. Enfim, os livros de leitura contam mentiras, educam os jovens para uma falsa realidade, enchem sua cabeça com lugares comuns, coisas chás, com atitudes não críticas. (ECO; BONAZZI, 1980, p. 16).

O fenômeno da agressividade verbal nas redes sociais, potencializado pelas facilidades dos recursos digitais, guarda uma relação ancestral com a violência humana que se manifesta pela linguagem e, por isso, também sempre esteve presente na escola por meio de todos os discursos que ali circulam, inclusive os veiculados pelo próprio material didático.

O enfrentamento dos desafios educacionais que tal situação comporta precisa evitar uma compreensão do problema que reduza a causa da violência verbal ao meio utilizado ou ao anonimato na Internet, numa condenação simplista da tecnologia.

Tanto a linguagem quanto a tecnologia comportam ambivalências e ambiguidades que impõem o reconhecimento da complexidade do problema. Assim, deve-se levar em conta as peculiaridades e os riscos contidos nos produtos e recursos tecnológicos, ao mesmo tempo em que se identificam as dimensões linguístico-discursivas da violência verbal manifestadas nas mídias digitais.

Como já aludido anteriormente, uma das formas de tratar essa questão, pelo viés do uso da linguagem compreendida como expressão do pensamento, está relacionada com a identificação da necessidade de se “ensinar a pensar” ou, mais precisamente, com o lançar mão do raciocínio lógico nas práticas de leitura e escrita de mensagens nas redes sociais. Esse entendimento precisa ser problematizado para que se avalie sua contribuição no debate acerca dos desafios educacionais que a violência verbal nas mídias digitais impõem.

3. Linguagem e raciocínio lógico

Há correntemente um diagnóstico da agressividade verbal na Internet que identifica no aprendizado e uso do raciocínio lógico uma saída para tal situação. A irracionalidade e o pensamento irrefletido resultariam em embates verbais marcados pela estupidez, violência e obscurantismo.

Se a linguagem irascível é muitas vezes reação à carência de racionalidade e lógica da fala do outro ou até mesmo resultado de uma incapacidade de se pensar logicamente, então o aprendizado de raciocínio lógico seria uma forma de garantir práticas de leitura e escrita mais condizentes e pertinentes ao diálogo civilizado e inteligente.

De fato, não se deve negar a relevância do ensino-aprendizado de raciocínio lógico, da contribuição da lógica clássica e a identificação das formas de raciocínio para o desenvolvimento do pensamento e construção do conhecimento. No contexto das mídias digitais, em que a informação disponível necessita de ser processada, editada, articulada, analisada, esse pode ser um recurso importante. Além disso, os raciocínios dedutivos e a lógica formal podem ajudar a evitar armadilhas na argumentação (FIORIN, 2015, p. 58).

No entanto, ao lidar com a questão da argumentação ou do uso da língua nas interações sociais, não é prudente se furtar ao reconhecimento de que “a linguagem humana não funciona segundo os princípios da lógica clássica” (FIORIN, 2015, p. 47).

A língua, como experiência de interação humana, não se reduz a um código por meio do qual a verdade se apresenta, necessariamente, a partir da demonstração, de evidências ou de raciocínios baseados em premissas caracterizadas como necessárias, que conduzem a conclusões necessariamente verdadeiras.

Nas interações mediadas pela linguagem verbal, as premissas contingentes conduzem a conclusões prováveis, assim “trabalha-se com o que é contingente, histórico, possível, provável. Por isso, é necessário convencer. Não se trata simplesmente de demonstrar, mas de mover corações e mentes” (FIORIN, 2015, p. 56).

Essa compreensão da linguagem verbal associada ao convencimento pela argumentação e não à lógica formal por meio da qual a verdade é demonstrada remonta à retórica antiga.

A partir da retórica antiga de Aristóteles (1991, I, 2, 1356b-1358a; 2005, I, 1; II, 27), pode-se identificar, pelo menos, dois tipos de raciocínios: os necessários e os preferíveis. Os argumentos necessários fazem parte do domínio da lógica formal, enquanto os raciocínios preferíveis são do âmbito da retórica, pois conduzem a conclusões que não advêm “imperiosamente das premissas colocadas, [já que] a conclusão é provável, possível, plausível, mas não logicamente necessária” (FIORIN, 2015, p. 115).

A lógica formal, “entendida como um sistema de regras do bem pensar, independentes do conteúdo” (MAZZOTTI, 2006a, p. 542), pode ser válida para o discurso racional em que “se visa uma verdade universal e necessária”. No entanto, há uma outra dimensão ou orientação do discurso racional que não está centrada na demonstração, antes é orientada pela argumentação, buscando “uma verdade relativa e plausível”.

Essa verdade provável ou plausível não implica a falta de lógica ou de raciocínio, mas demanda outra lógica, já que a argumentação é também um processo racional, pois

[...] é inegável que raciocinamos, mesmo quando não calculamos, quando de uma deliberação íntima ou de uma discussão pública, apresentando argumentos a favor ou contra uma tese, criticando ou refutando uma crítica. Em todos estes casos, não se demonstra, como em matemática, mas argumenta-se. (PERELMAN, 1993, p. 24).

Desse modo, ainda que o raciocínio lógico ou a lógica formal tenham sua serventia, ao se destacar a linguagem verbal nas interações em que sobressaem a agressividade e a irracionalidade nos embates nas redes sociais, deve-se reconhecer que:

[...] nos domínios em que se trata de estabelecer aquilo que é preferível, o que é aceitável e razoável, os raciocínios não são nem deduções corretas nem induções do particular para o geral, mas argumentações de toda a espécie, visando ganhar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam ao seu assentimento. (PERELMAN, 1993, p. 15).

Tudo isso aponta para a necessidade de se abordar o problema da agressividade verbal nas redes sociais a partir da contribuição dos estudos da Nova Retórica e da Teoria da Argumentação, que enfatizam a competência argumentativa e a capacidade de dialogar na busca ou construção de consensos ou de verdades possíveis.

Desse modo, vale atinar para as contribuições dessas áreas de conhecimento para o entendimento dos procedimentos e recursos de argumentação no estabelecimento de diálogos e interações que consideram o discurso do outro no processo de convencimento e persuasão. Como afirma Mazzotti (2006b, p.150-151), “se a verdade é um consenso”, o que se faz relevante é “compreender as razões que as pessoas apresentam para adotarem este ou aquele argumento”.

4. Nova Retórica e Teoria da Argumentação na sala de aula

Se a violência verbal implica desafios educacionais que podem ser assumidos a partir da compreensão de que os argumentos cooperam para a construção de consensos e verdades possíveis nos processos de convencimento, então se faz imprescindível o entendimento da linguagem, pois não é suficiente “mudar a linguagem para que a discriminação deixe de existir” (FIORIN, 2015, p. 89).

As palavras ferem. Por isso, para criar um mundo melhor, é importante usar uma linguagem que não machuque os outros, que não revele preconceitos, que não produza discriminação. É necessário, porém, que, para ter eficácia, esse trabalho sobre a palavra respeite a natureza e o funcionamento da linguagem. (FIORIN, 2015, p. 90).

Desse modo, aliado a um processo de formação que vise o respeito às diversidades e o cultivo da pluralidade de ideias e de pensamento, deve-se trabalhar as possibilidades da linguagem na construção de diálogos, desenvolvimento de recursos argumentativos e busca de consensos.

Conhecer a linguagem e como ela funciona é, então, uma das tarefas que a escola deve assumir, pois

[...] cabe à escola desenvolver no aluno as principais competências linguístico-discursivas para torná-lo apto à vida em sociedade. Produzir diferentes tipos de textos e de discursos (entre eles, o persuasivo) constitui uma dessas competências. Para que ela seja aprendida, é necessário que o aluno conheça a organização retórica predominante. (MASSMANN, 2011, p. 365).

Nesse sentido, o estudo da linguagem a partir das contribuições da Nova Retórica e da Teoria da Argumentação, à luz também das contribuições das Teorias do Discurso, pode ser um caminho para o ensino-aprendizado de língua se converter numa importante dimensão formativa do sujeito capaz de práticas de leitura e escrita que privilegiem o convencimento e a persuasão.

A sala de aula pode ser vista como um contraponto às redes sociais, seja pelo seu caráter institucional resistente às inovações, aspecto geralmente tomado como negativo, seja pelas possibilidades de aprendizado que cooperam para a produção de discursos que respeitem o discurso do outro e incorpore a pluralidade.

O professor de língua portuguesa, ao assumir as contribuições teóricas advindas do campo da Nova Retórica e se valer dos recursos da Teoria da Argumentação, pode participar da construção de discursos em sala de aula que procurem mudar a realidade na qual “a escola nos ensina a decifrar as palavras, a traçar as suas letras, [mas não] nos ensina, verdadeiramente, ler os discursos que se fazem ouvir ao nosso redor” (KLINKENBERG, 2001, p. 12).

Para Sírio Possenti (2003 *apud* FIORIN, 2015, p. 79), “todo discurso constitui-se em oposição a outro discurso. No embate entre eles, constrói-se um simulacro da palavra do outro. Com efeito, não se combate o discurso alheio, mas uma imagem que se cria dele a partir das categorias semânticas do discurso que polemiza com ele”.

Muitas vezes, o ambiente escolar exemplifica esse embate entre discursos, inclusive na própria relação educador-educando. Na verdade,

a sala de aula torna-se um espaço de produção textual cujas circunstâncias de enunciação regem a relação professor-aluno e funcionam como mecanismos de coerção genérica e situacional às produções textuais à medida que orientam sua organização retórica, isto é, o que se diz e como se diz.” (MASSMANN, 2011, p. 367-367).

O que se deve perceber é que o trabalho com a língua em sala de aula objetivando a formação de competências linguístico-discursivas que privilegiem os processos argumentativos precisa incluir também as interações entre professores e alunos e, ainda, entre os próprios alunos. Os exercícios e as atividades com a linguagem podem, assim, partir da própria realidade ou do contexto em que se dão as interações reais, levando-se em conta o discurso docente e o discurso dos alunos como campo privilegiado de observação e trabalho.

A possível solução que Umberto Eco (1980) sugere para que os textos e os materiais que circulem no ambiente escolar de fato contribuam para a formação do aluno não é a de fazer livros com textos melhores, mas fornecer aos alunos e aos professores bibliotecas escolares tão ricas e uma tal disponibilidade para a realidade (a realidade dos jornais, da vida de todos os dias, dos debates das redes sociais) que a aquisição de noções verdadeiramente úteis se dê por meio da livre exploração do mundo.

Superando práticas de linguagem artificiais e desconectadas do mundo do aluno, o ensino-aprendizado de língua pode incluir diversas estratégias discursivas, recursos argumentativos e conceitos como discurso, orador ou enunciador, auditório ou enunciatário em exercícios ou atividades organicamente relacionados com o contexto do aluno.

Considerando as peculiaridades e o contexto de cada ano ou série que o aluno cursa, atividades de análise retórica, estudos dos fatores de argumentação e recursos argumentativos, organização do discurso e do texto argumentativo são aspectos que podem ser trabalhados e desenvolvidos nas aulas de língua portuguesa.

5. Conclusão

A necessidade de trabalhar o ensino-aprendizado de língua portuguesa para o desenvolvimento de competências e habilidades discursivas que privilegiem os recursos argumentativos e o potencial dialógico da linguagem evidencia, assim, a pertinência da inclusão dos estudos da Nova Retórica nos programas de formação de professores, particularmente, dos cursos de Letras e de Pedagogia, integrados às contribuições advindas das teorias do discurso.

Essa é uma das formas de responder ao desafio educacional que surge das redes e mídias sociais, no que concerne à instrumentalização da violência pela linguagem e à precariedade das práticas de leitura e de escrita.

Professores com formação adequada e que incorporem as contribuições da Nova Retórica, das teorias do discurso e de outras vertentes dos estudos linguísticos podem, assim, desenvolver com seus alunos práticas que explorem as possibilidades e os recursos da língua no processo ensino-aprendizado.

Além disso, o entendimento da linguagem e seu funcionamento, dentro do contexto das relações e interações em sociedade, pode ser um dos caminhos para a construção de discursos que estejam alinhados ao respeito às diversidades que se manifestam nas mídias e redes sociais.

Trazer para os cursos de formação de professores e para a sala de aula na educação básica o estudo da Nova Retórica ou da argumentação é uma forma de reforçar os fundamentos de uma sociedade em que o discurso é menos coercitivo e mais persuasivo. Assim, a prática pedagógica que explora os discursos argumentativos apresenta as possibilidades para a defesa de ideias, teses ou pontos de vista no processo de comunicação e interação.

Comunicar é agir sobre o outro e, por conseguinte, não só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo que se propõe, [...] comunicar não é fazer saber, mas principalmente fazer crer e fazer fazer. [...] Argumentar, em sentido lato, é fornecer razões em favor de determinada tese. (FIORIN, 2015, p. 76-77).

Desse modo, a violência verbal ou a precariedade na construção de textos visando a imposição de algum ponto de vista ou verdade podem encontrar contraposição no esforço empregado para a formação de sujeitos e cidadãos que constroem discursos que buscam o convencimento ou persuasão, abdicando da palavra coercitiva e agressiva.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1991.
- _____. Analíticos anteriores. Trad. Edson Bini. In: ARISTÓTELES. *Órganon*. Bauru: EDIPRO, 2005.
- BENÍCIO, Milla C. A violência da linguagem. *Revista Garrafa*, UFRJ, jul./set. 2007. Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/index_revistagarrafa.htm. Acessado em: 27 out. 2014.
- CUNHA, Marcos V. da. História da educação e retórica: *ethos* e *pathos* como meios de prova. In: SILVA, M.; VALDEMARIN, V. T. (Orgs.) *Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer*. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- ECO, Umberto; BONAZZI, Marisa. *Mentiras que parecem verdades*. São Paulo, Summus, 1980.

- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. Prefácio. In: MOSCA, L. L. S. (Org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.
- LETIERI, Rebeca. “Há um fluxo de ódio nas redes sociais, e precisamos mudar isso”, diz o professor Leandro Karnal. Disponível em: <http://www.marciapeltier.com.br/ha-hoje-um-fluxo-de-odio-nas-redes-sociais-diz-o-professor-leandro-karnal/>. Acessado em 05 maio de 2017.
- MASSMANN, Debora. A arte de argumentar na sala de aula. *Letras*, Santa Maria, v. 21, n. 42, p. 363-385, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/download/12187/7581>. Acesso em: 15 mai. 2017.
- MAZZOTTI, Tarso. Ciências da educação em questão. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p.539-50, set./dez. 2006a.
- _____. A verdade como consenso determinado pelas técnicas argumentativas. In: VIDAL, V.; CASTRO, S. (Orgs.). *A questão da verdade: da metafísica moderna ao pragmatismo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006b.
- MELITO, Leandro. Umberto Eco: lembre 15 frases do autor italiano. *EBC. Cultura*. 20 fev. 2016. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/2016/02/umberto-eco-lembre-15-frases-do-autor-italiano> Acesso em 02/05/2017.
- PERELMAN, Chaim. *O império retórico: retórica e argumentação*. Porto: Edições Asa, 1993.
- SAKAMOTO, Leonardo. *O que aprendi sendo xingado na internet*. São Paulo: Leya, 2016.
- SALDANHA, Luís C. D. Do *schibboleth* ao digital: a palavra nos espaços de indeterminação. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 35, n. 1, p.95-105, jan/jun. 2013 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/5259>. Acesso em 10 mar. 2017.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.